

Kleber  
Lucas

Deus  
cuida  
de mim



 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Kleber  
Lucas

Deus  
cuida  
de mim



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Kleber Lucas, 2024  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024  
Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Wélida Muniz  
*Revisão:* Fernanda Guerriero Antunes  
*Projeto gráfico e diagramação:* Gisele Baptista de Oliveira  
*Capa:* Fabio Oliveira

As citações bíblicas foram retiradas da Bíblia Sagrada,  
Nova Almeida Revista e Corrigida, ARC © 2009 Sociedade  
Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Lucas, Kleber  
Deus cuida de mim / Kleber Lucas. -- São Paulo :  
Planeta do Brasil, 2024.  
224 p.

ISBN 978-85-422-2713-0

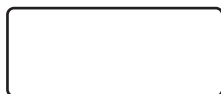
1. Lucas, Kleber – Vida cristã 2. Literatura cristã -  
Inspiracional I. Título

24-1956

CDD 248.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida cristã



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2024  
Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Planeta do Brasil Ltda.  
Rua Bela Cintra 986, 4ª andar – Consolação  
São Paulo – SP – 01415-002  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

# Me apaixonei pela pessoa que me tornei



## Planeta

**E** escrever este livro de memórias foi um pouco como um processo terapêutico que me fez viajar na minha própria história. Para isso, dois movimentos foram muito importantes e necessários para mim o tempo todo, os quais gostaria de deixar como registro desde o início.

O primeiro foi que precisei de uma coragem enorme para entrar em determinadas cenas de alguns capítulos da minha vida. Às quais, por vezes, resisti voltar e jurei não mais querer me lembrar. São aquelas lembranças que doem, aqueles eventos que marcaram de tal modo que só a menção a eles já causa desconforto.

O segundo foi que tive que usar o meu recurso de historiador para separar aquilo que Eric Hobsbawm trabalha muito bem como “história inventada”.<sup>2</sup> É um tipo de enredo que somos capazes de narrar com tantos detalhes e tantas certezas que nos possibilita criar ou inventar aquilo que, de fato, nunca aconteceu. Sabe aquela coisa de uma mentira falada com tanta convicção que é capaz de virar verdade? Pois é, é exatamente isso.

Muito embora seja um livro de memórias, procurei, em alguns momentos, não confiar somente na minha, tive ajuda da minha mãezinha, que me confirmou alguns dos eventos que narro aqui. As minhas irmãs também me fizeram ver e rever muitas memórias, especialmente as que criei.

Foi um mergulho profundo na minha alma que me fez rir e me alegrar ao ponto de me trazer uma renovação ao meu próprio presente. Me apaixonei pela pessoa que me tornei. Em outros momentos, fiquei muito angustiado por ver que tantos emaranhados que vivi no meu passado ainda insistem em fazer parte do meu presente, e o quanto o meu presente carrega muito do meu passado.

Algumas vezes, precisei parar e ir para terapia; outras, precisei escrever mais ainda sobre a

---

2 HOBBSAWM, E. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz & Terra, 2012.

vivência, pois percebia que quanto mais falava sobre o assunto, mais entendia de onde me vinha inspiração pra fazer tanta coisa bonita e que abençoa tanta gente hoje.

*Deus cuida de mim* é, sem dúvida, um relato de história real, uma experiência a ser compartilhada, uma cura pela fala e pela releitura da própria vida.

Estou muito feliz e convicto de que este trabalho lapidado será, para você, um caminho de descoberta e redescoberta da sua própria trajetória e, em tempo, uma reconciliação consigo mesmo, com algumas pessoas e papéis que ocupamos na vida. Assim como foi para mim.

Este livro é um relato da vida cotidiana, desprezioso, sem grandes narrativas nem soluções para todos os problemas, mas mostra o convívio com o mundo real e a clareza de que podemos deixar algumas coisas do passado no próprio passado, como o medo. Um sentimento que, de tanto encararmos, nos torna cativos dele. Que possamos, também, resgatar algumas coisas que ficaram lá atrás, como a coragem que nos fez caminhar tanto, mas que, às vezes, perdemos de vista.

Em alguns momentos, você vai ler estes relatos e vai se emocionar muito, noutros vai doer, noutros você vai rir bastante. É também um momento de repensar relações, crenças, fé, tolerância, respeito,

crise de fé, perdão, reconciliação, orgulho, preconceito, afetos e a perda deles.

Este é um singelo convite a um caminho de volta, sempre necessário, para aqueles que anseiam ir mais longe.

Arpoador, julho de 2023,

**KLEBER LUCAS**





**Não tenha medo de  
revisitar o passado.  
Para construir um  
presente sólido  
e tranquilo, é  
preciso encarar  
o que deixamos  
(ou tentamos  
deixar) para  
trás. O convite é  
desafiador, mas  
o resultado é  
transformador.**



Planeta





Planeta

# Meu desejo de coexistência



Planeta

*São Gonçalo, início da década de 1970.*

**Coexistir: existir no mesmo lugar, no mesmo espaço, às vezes no mesmo quintal, na mesma família, na mesma favela, na mesma vizinhança, acompanhando as vitórias e os sofrimentos de quem mora ao lado.**

## NO TERREIRO

No final de 2017, me tornei alvo de fortes ataques de intolerantes religiosos cristãos, por causa de uma decisão que tomei e que mudaria para sempre minha relação com grande parte das igrejas evangélicas do Brasil.

Fui convidado a integrar uma equipe de pastores e pastoras, em parceria com diversas lideranças religiosas de diferentes matizes cristãs, entre outras religiões, na entrega de uma doação levantada pela Igreja Cristã de Ipanema para a reconstrução de um terreiro de candomblé que havia sido aviltado em 2014, em Duque de Caxias, no estado do Rio de Janeiro, vítima de ódio e intolerância religiosa.

Num desejo de dar visibilidade à entrega da doação, o babalaô Ivanir dos Santos quis mostrar à sociedade que nem todo evangélico é intolerante, e viu o evento como uma possibilidade de abrir caminho para diálogos entre diferentes grupos de liderança. O evento foi um sucesso de respeito, acolhimento, falas e escutas: mais de 25 pastores e pastoras e muitos líderes de igrejas estiveram presentes naquele encontro memorável.

Tudo lindo e maravilhoso, exceto por um detalhe: eu aceitei o convite para fazer parte da liderança do evento que entregaria a doação, algo que mudaria radicalmente o cenário e as narrativas simbólicas daquele ato tão bonito e singelo.

Antes mesmo de terminar a programação, já havia saído nas principais mídias evangélicas que “o pastor Kleber Lucas havia dado dinheiro para o candomblé”. Que o “pastor Kleber Lucas estava no terreiro cantando, comendo, dançando e dando dinheiro”. No mesmo dia, o assunto ganhou visibilidade em todas as mídias, e um tsunami de ódio começou a ser despejado nas redes contra a minha pessoa. Estas foram algumas das publicações que saíram na época:

*“Cantor gospel Kleber Lucas é chamado de ‘endemoniado’ após evento em terreiro”.<sup>3</sup>*

*“Cantor gospel Kleber Lucas canta em festa de Candomblé e gera rebuliço entre fiéis”.<sup>4</sup>*

*“Como a intolerância religiosa atingiu um pastor”.<sup>5</sup>*

- 
- 3 ZUAZO, P. Cantor gospel Kleber Lucas é chamado de ‘endemoniado’ após evento em terreiro. **Extra**, 4 dez. 2017. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/cantor-gospel-kleber-lucas-chamado-de-endemoniado-apos-evento-em-terreiro-22147168.html>. Acesso em: 1 mar. 2024.
  - 4 CANTOR gospel Kleber Lucas canta em festa de candomblé e gera rebuliço entre fiéis. **Diário de Pernambuco**, 23 nov. 2017. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2017/11/cantor-gospel-kleber-lucas-canta-em-festa-de-candomble-e-gera-rebulico.html>. Acesso em: 1 mar. 2024.
  - 5 COMO a intolerância religiosa atingiu um pastor. **Veja**, 27 jul. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/videos/em-pauta/como-a-intolerancia-religiosa-atingiu-um-pastor>. Acesso em: 1 mar. 2024.

*“Presença de pastor em terreiro gera polêmica na comunidade evangélica”.<sup>6</sup>*  
*“Cantor gospel se apresenta em terreiro de candomblé e revolta fãs”.<sup>7</sup>*

Minha decisão foi pautada pura e simplesmente com base na consciência tranquila que tenho do meu papel pastoral e da minha caminhada respeitosa pela democracia, pelo respeito e por acreditar no diálogo inter-religioso. Outra razão para me juntar àquele grupo de pastores que foi fazer a entrega surgiu de um exercício de memória histórica da minha própria vida.

Sendo filho de uma mãe que criou três filhos sozinha, sofremos muitos revezes. Às vezes, não tínhamos o que comer nem onde morar, e fomos sempre acolhidos tanto por pentecostais quanto por candomblecistas. Em muitos desses momentos, moramos dentro do terreiro de uma mãe de santo, a Dona Dalva, e no porão de um outro terreiro, o do sr. Ronaldo.

---

6 UCHOA, T. Presença de pastor em terreiro gera polêmica na comunidade evangélica. **O Dia**, 26 nov. 2017. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-11-27/presenca-de-pastor-em-terreiro-gera-polemica-na-comunidade-evangelica.html>. Acesso em: 1 mar. 2024.

7 MONTEIRO, M. Cantor gospel se apresenta em terreiro de candomblé e revolta fãs. **Jornal Opção**, 24 nov. 2017. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/cantor-gospel-se-apresenta-em-terreiro-de-candomble-e-revolta-fas-110792/>. Acesso em: 1 mar. 2024.

Em entrevista ao portal G1,<sup>8</sup> declarei algo que é a essência da minha vocação na luta contra a intolerância: “Quando eu tive fome na favela e a comida chegava, eu não queria saber se ela vinha da igreja evangélica ou do terreiro do candomblé”. E na minha participação no *Conversa com Bial*, falei: “Fui no terreiro ajudar porque, quando eu tive fome, eles vieram até mim”.<sup>9</sup> E é esse caminho dialogal que me proponho trilhar com você.

## NA IGREJA CATÓLICA

Eu nunca tinha entrado em uma igreja católica até aquele dia: o batizado da minha irmã mais nova. A igreja ficava em São Gonçalo, no bairro do Barro Vermelho; ela era grande, bonita e tinha muitas imagens.

- 
- 8 PIERRE, E. Kleber Lucas, pastor convidado para o show da posse de Lula, passou fome na favela e recorria a terreiros quando se machucava. **G1**, 4 dez. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/12/04/kleber-lucas-pastor-convidado-para-o-show-da-posse-de-lula-passou-fome-na-favela-e-recorria-a-terreiros-quando-se-machucava.ghtml>. Acesso em: 4 mar. 2024.
- 9 PEDRO Bial entrevista Kleber Lucas e Leonardo Gonçalves. **GloboPlay**, 8 nov. 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/podcasts/episode/conversa-com-bial/62f20ab2-66e3-458a-b4a7-43afd18c236f/>. Acesso em: 1 mar. 2024.

As imagens não eram novidade para mim, eu já as conhecia muito bem. Lá na favela da Coreia, onde eu nasci, havia várias. Me lembro bem delas nas casas, nas tendas de venda, nas pinturas das paredes... Tinha São Jorge, São Jerônimo, São Sebastião, Nossa Senhora Aparecida, e tinha também o Preto Velho, a Pombajira, o Zé Pelintra e tantos outros. Todas essas manifestações icônicas me remetiam a uma memória profundamente familiar, e me senti atraído de certa forma, algo parecido com reverência e admiração.

Aos poucos, fui me sentindo em casa, naquela igreja, caminhando entre os bancos, observando de perto os detalhes, a beleza do lugar e a fé que se manifestava ali. Era diferente da fé da minha avó Josina, que era da pentecostal. Era diferente dos terreiros e dos barracões da Coreia, e era uma igreja também diferente da dos batistas que iam no morro aos sábados evangelizar a gente.

Desde criança, eu ia a todos os lugares sagrados e, no morro, me sentia muito familiarizado com eles. Todos esses lugares eram, para mim, simbólicos, e os tratava sempre com uma mistura de respeito, alegria, pertencimento e mistério. As religiões em que fui criado eram pontos de convergência, mesmo tendo diferentes expressões.

Não me lembro nunca de ter ouvido, em nenhum daqueles lugares, difamações sobre o outro.

Até porque, mesmo nos diferentes espaços, havia graus de parentescos, pois, antes até mesmo da fé, existiam as relações familiares. A mãe de santo, às vezes, era irmã de sangue ou de leite, da crente da Assembleia.

Nunca vi, nenhuma vez, a Assembleia de Deus ser aviltada, mesmo eles colocando todo dia aquele alto-falante gritando de tal maneira que dava para ouvir no morro todo. Também nunca vi os barracões sendo apedrejados lá na minha favela. Pelo contrário, o que se tinha, de maneira geral, era um respeito a todos esses espaços. Além disso, tanto aquela Assembleia de Deus quanto os terreiros e barracões cumpriam o papel da fé, e também um papel social muito importante para todos da comunidade.

E, em meio a tudo isso, lá estava eu, um moleque danado e travesso. Enquanto preparavam o batizado da Flávia, a minha irmã mais nova, eu estava me ocupando com as esmolas dos santos. Uma moedinha aqui, outra ali, Santo Antônio nem ia sentir falta. Em determinado momento da missa, reparei que tinha uma fila onde estavam entregando algum alimento, alguma coisa para as pessoas comerem. Prontamente me coloquei lá, até que chegou a minha vez. O padre, que estava me vendo havia um bom tempo andando pela igreja, pegando umas esmolas, aparentemente sem nenhum respeito (muito embora houvesse, sim, respeito, reverência e alegria



em mim), me olhando do alto, perguntou muito sério: “Você é batizado, menino?”.

E eu respondi, sem nem pestanejar: “Eu, não!”. Na verdade, conversando com minha mãe recentemente, descobri que havia sido batizado numa igreja católica lá no Paraíso, bairro de São Gonçalo, mas, como nunca cheguei a ter nenhuma vivência no catolicismo, a pergunta do padre me fez responder negativamente de imediato.

Nem sabia o que era isso de ser batizado, mas eu achava que não era. Mesmo tendo uma Dinda e um Dindo, pensei, naquele instante, que a pergunta dele tivesse alguma relação com pertencer àquele lugar, então respondi que não. O homem então recuou a mão que segurava o que parecia ser um pedacinho de pão (a hóstia) e me disse: “Então você não pode comer o corpo de Cristo, você é um pagão”.

Sinceramente, e falo com um certo humor, acho que foi ali o início dos muitos conflitos que eu teria ao longo da minha vida de fé. Eu não entendia por que eu não poderia comer o pão, muito menos o que era ser pagão. Parecia não ser coisa boa. Naquele instante, entrei num embate com o bom padre. Não pensei duas vezes, passei a mão naquele pão, enfiei na boca e saí correndo.

Na Coreia, em todas as programações de fé a que eu ia tinha comida, e ninguém nunca me perguntava nada, era entrar e comer. Não consigo deixar de

pensar que aquele momento deu início a algo que seria recorrente em minha vida.

## **RELIGIÃO: FÉ, COMIDA, PARTILHA E TRANSCENDÊNCIA**

Religião, pra mim, portanto, sempre teve a ver com fé e comida. Sempre teve a ver com alegria, com festa pra todo mundo, comida na mesa. O sagrado estava ali, e sempre esteve ali pra mim. Em dias de culto, fossem esses de diferentes expressões, eu sabia que seria o dia em que a comida na mesa era uma certeza. Era dia de alegria, música, danças, liberdade, partilha, e sempre sobrava um pouco para levar pra casa.

Dias de cultos dos crentes batistas eram os únicos em que eu gostava de tomar banho. Minha mãe sempre me arrumava e eu chegava cedo, ávido pelos momentos. Na evangélica, eu gostava de cantar os corinhos e, no final, sempre era abraçado e ganhava um presentinho daquelas pessoas simpáticas que subiam o morro aos sábados à tarde pra nos evangelizar. Na verdade, não sei se eram só batistas ou se havia também testemunhas de Jeová e presbiterianos. Pra mim e pra favela eram todos crentes, e estava tudo bem.

Esses crentes que subiam o morro eram bem diferentes dos crentes da Assembleia de Deus da

favela, os membros de lá eram moradores, conhecidos nossos: parentes, vizinhos, amigos. Os que iam aos sábados eram quase todos brancos, e usavam roupas mais modernas. As mulheres usavam calça, maquiagem e tinham cabelo curto, o que era proibido na Assembleia. Os homens usavam calça jeans, tocavam violão e sorriam sempre, o que não era muito comum naquela igreja do morro. Era outro tipo de “crente” para a maioria dos vizinhos, mas eu gostava deles também, especialmente quando me deixavam cantar, comer e brincar.

Nos terreiros, eu adorava o som dos atabaques e as danças daquelas pessoas que eu conhecia. Eram os moradores do morro, homens e mulheres da comunidade. O que mais me chamava atenção era o fato de que todos nós nos conhecíamos, fosse da rua, fosse do poço onde pegávamos água, das famílias e vizinhanças. Éramos primos, irmãos de leite, parentes distantes. No entanto, na hora dos cultos, essas mesmas pessoas ganhavam formas gigantescas de beleza incomparável. Um tipo de empoderamento que gerava tanto admiração quanto reverência: era a beleza da magia pura.

Desde cedo, também percebi o poder da magia de cada religião. Certa vez, na casa da minha avó Josina, na hora do culto, eu vi uma jovem chamada Mere, que todo mundo conhecia como uma garota tímida, e que tinha uma certa protuberância na

arcada dentária que parecia fazê-la mais reservada ainda. Em um daqueles cultos na casa da minha avó, a Mere começou a falar aquilo que os pentecostais chamam de línguas estranhas ou o conhecido fenômeno da Glossolalia.

Eu fiquei muito emocionado quando vi e ouvi aquilo se manifestar em uma pessoa tão simples, tímida, recatada, mas que naquele momento se agigantou, mudando até mesmo o tom da voz. Era algo apaixonante. Não conseguia tirar meus olhos dela, que parecia ter se transformado num ser lindo. Acredito que aquela tenha sido a primeira experiência de fé mais forte que presenciei, e nunca mais me esqueci.

Todos os cultos eram bem-vindos e respeitados, mas, pra mim, na favela em que fui criado, os cultos dos crentes, a fé pentecostal, eram o que mais se assemelhava ao nosso “modus vivendi”. Era uma fé carregada de mistério e empoderamento, eu me sentia bastante familiarizado e percebia isso também nas pessoas que desde bem cedo eu observava.

Carrego em mim o mesmo desejo que me fez pegar a hóstia da mão do padre e comer por acreditar, de verdade, que todos nós podemos experimentar o pão da graça e da celebração da vida em comunidade. Da mesma forma, sigo vivendo e experimentando todos os pães e me propondo a compartilhar o próprio pão da minha fé com todos aqueles com quem convivo.

Curiosamente, um dos significados do meu nome, Kleber, é: aquele que faz pão. Também por acreditar que pão é para se comer junto, trago comigo a profunda memória daquele que disse: “[...] Tomai, comei; isto é o meu corpo [...]; fazei isto em memória de mim”.<sup>10</sup>



---

**10** 1 Coríntios 11:24-25.